

## Desafios do ensino remoto no contexto da pandemia: riscos, potencialidades e tendências

Challenges of remote education in the context of the pandemic: risks, potential and trends

Desafíos de la educación a distancia en el contexto de la pandemia: riesgos, potencial y tendencias

Recebido em: 24/03/2021

Aceito em: 01/06/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i28.437

### RESUMO

O presente trabalho faz um relato de experiência na adoção do ensino remoto num curso de Jornalismo em instituição privada de Brasília, no contexto da pandemia do novo coronavírus. A iniciativa apresentou vantagens, percebidas por professores e estudantes, mas também desafios e levantou preocupações sobre os limites do ensino a distância. Trazemos especificidades verificadas em disciplinas teóricas e laboratoriais, a partir do relato docente e de pesquisa realizada junto aos estudantes que vivenciaram essa experiência. Levantamos os riscos da naturalização do ensino a distância e potenciais tendências para o ensino de Jornalismo no pós-pandemia.

### PALAVRAS-CHAVE

Experiência; ensino de Jornalismo; aulas remotas; ensino a distância; coronavírus.

### ABSTRACT

This paper reports on the experience of adopting remote education in a Journalism course at a private institution in Brasília, in the context of the new coronavirus pandemic. The initiative presented advantages, perceived by teachers and students, but also challenges and raised concerns about the limits of distance learning. We bring specificities verified in theoretical and laboratory disciplines, based on the teaching report and research carried out with the students who experienced this experience. We raised the risks of the naturalization of distance learning and potential trends for the teaching of Journalism in the post-pandemic.

### KEYWORDS

Experience; teaching journalism; remote classes; distance learning; coronavirus.

### RESUMEN

Este artículo informa sobre la experiencia de la adopción de educación remota en un curso de Periodismo en una institución privada en Brasília, en el contexto de la nueva pandemia de coronavirus. La iniciativa presentó ventajas, percibidas por profesores y estudiantes, pero también desafíos y planteó preocupaciones sobre los límites del aprendizaje a distancia. Aportamos especificidades verificadas en disciplinas teóricas y de laboratorio, con base en el informe docente y la investigación realizada con los estudiantes que vivieron esta experiencia. Planteamos los riesgos de la naturalización del aprendizaje a distancia y las posibles tendencias para la enseñanza del Periodismo en la pospandémica.

### PALABRAS CLAVE

Experiencia; enseñanza de periodismo; clases remotas; la educación a distancia; coronavirus.



**Luciane Agnez**

Doutora em Comunicação e professora da graduação e da pós-graduação do IESB.

[luagnez@gmail.com](mailto:luagnez@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

As aulas presenciais foram suspensas no Distrito Federal no dia 12 de março de 2020, por decreto do governador, sendo a primeira unidade da federação a impor medidas de isolamento social a partir da pandemia do novo coronavírus. As instituições de ensino tomaram conhecimento da medida pela imprensa<sup>1</sup>, numa quarta-feira à noite. Inicialmente a paralisação seria de cinco dias, o que foi sendo prorrogado até completar seis meses de suspensão. A retomada das aulas presenciais no ensino privado do DF começou em 21 de setembro e no ensino público continua sem previsão até março de 2021.

O Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), cuja experiência é aqui relatada, interrompeu as aulas no dia 12 de março de 2020 e retomou o semestre letivo no dia 23 de março de modo remoto. Foram dez dias para que as instâncias administrativas, professores e alunos fizessem adaptações necessárias. O ambiente virtual de aprendizagem adotado foi a plataforma *Blackboard*<sup>2</sup>, com a qual professores e alunos já tinham familiaridade, pois já era utilizada como suporte tanto para aulas dos cursos presenciais quanto para disciplinas da modalidade a distância. Aproximadamente 15 mil alunos tiveram todas as atividades migradas para esta plataforma. Apenas poucas disciplinas, de cunho essencialmente prático e de cursos específicos, mantiveram suas aulas suspensas. No curso de Jornalismo, todas as disciplinas assumiram a condição remota.

O calendário acadêmico de 2020/1 foi cumprido dentro da previsão inicial, houve recesso no mês de julho e o semestre letivo 2020/2 iniciou em 17 de agosto, com a instituição mantendo a decisão pelas aulas remotas. A partir da liberação das aulas presenciais por decreto governamental, algumas disciplinas, de caráter essencialmente prático, retornaram com medidas de segurança. No curso de Jornalismo, apenas a disciplina de Telejornalismo incluiu alguns encontros presenciais.

Neste relato, compartilho a experiência no curso de Jornalismo desse primeiro semestre letivo de 2020 na modalidade remota. Como instituição, professores e alunos se adaptaram? E que dessa experiência poderá permanecer mesmo no pós pandemia? Além da visão docente, foi realizada uma pesquisa de opinião junto aos estudantes que cursaram 2020/1 nestas condições. Participaram 71 alunos, de aproximadamente 180 matriculados no curso, por meio de formulário *Google*, aplicado entre 31 de agosto e 7 de setembro de 2020, mantendo o anonimato dos participantes. O objetivo é analisar a experiência com perspectiva crítica e contribuir para estudos sobre o ensino do Jornalismo a distância, com mediação tecnológica, especificamente no contexto da crise.

---

<sup>1</sup> G1, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/11/ibaneis-afirma-que-vai-suspender-aulas-e-eventos-por-cinco-dias-por-conta-do-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.blackboard.com/pt-br>>. Acesso em: 18 set. 2020.

## 2 A NOSSA EXPERIÊNCIA

A partir da liberação da instituição para início das aulas remotas, mantivemos os mesmos dias e horários das disciplinas, agora ministradas ao vivo pelo *Blackboard Collaborate*. Neste momento de adaptação, decidimos flexibilizar a questão da presença ao vivo nas aulas. O principal ponto foi a possível limitação de conexão e disponibilidade de equipamentos, por parte dos alunos, além de uma sensibilidade em relação ao momento vivido: famílias se reorganizando, comprometimento da renda, espaços compartilhados em casa, problemas de saúde física e mental, entre outros. Desta maneira, o estudante que não conseguisse assistir as aulas ao vivo teria um prazo para assistir a gravação, realizar atividade proposta pelo professor e abonar a sua falta. Isso teve uma boa aceitação por parte dos estudantes, porém gerou um volume maior de atividades para os professores, que precisaram planejar exercícios de reposição de frequência, além de adaptar suas dinâmicas de sala de aula para o ambiente virtual.

As aulas ao vivo mantiveram seus horários habituais (8h15 às 11h e 19h15 às 22h), mas os professores tiveram liberdade para conduzir a programação dentro desse horário, desenvolver dinâmicas e estabelecer os critérios de avaliação. Dentre as disciplinas ministradas neste semestre, apenas radiojornalismo e fotojornalismo tiveram algumas aulas adiadas para quando ocorresse o retorno presencial, para que a experiência em estúdio fosse propiciada aos alunos, mesmo que num segundo momento.

No contato com os estudantes, a coordenação do curso manteve uma aproximação ainda maior com os representantes, ouvindo demandas e sugestões. Toda a comunicação com a gestão da instituição, coordenação de curso e entre professores se concentrou em aplicativos de mensagens e eventualmente por email. Reuniões virtuais eram realizadas pelo *Blackboard*. Já a comunicação entre professores e alunos foi centralizada na plataforma: além das aulas ao vivo, os estudantes podiam se comunicar por meio de fóruns, mensagens e e-mails.

Trago aqui observações trocadas pelo corpo docente e minha experiência direta, tendo ministrado em 2020/1 as seguintes disciplinas: Introdução ao Jornalismo (1º período), Teorias da Comunicação (3º), Jornal Laboratório II (7º), TCC I (7º), Observatório de Mídia (8º), além de orientações de TCC (todas essas adaptadas ao modelo remoto), mais a disciplina Cultura, Sociedade e Política, que já era originalmente na modalidade a distância.

Para observar a percepção dos estudantes que vivenciaram esta experiência, a pesquisa de opinião ouviu 71 deles. Os participantes estavam distribuídos, proporcionalmente ao tamanho das turmas, do primeiro ao oitavo semestres.

### 2.1 SOBRE O CENÁRIO DA PANDEMIA E A ADOÇÃO DAS AULAS REMOTAS

Afirmaram ter concordado imediatamente com a condução das aulas remotas, quando ocorreu a suspensão das presenciais, 52 dos estudantes ouvidos; 15 disseram não ter concordado de início, mas depois achou que foi a melhor decisão. Apenas 2

estudantes não concordaram com a condução das aulas desta forma e achavam que as atividades deveriam ter sido paralisadas. Outros 2 concordaram no primeiro momento, mas depois viram que o melhor era ter interrompido.

No contexto da pandemia, o Sindicato das Instituições de Ensino Superior do DF informou que em 2020 o índice de cancelamento ou de matrículas trancadas subiu de 6% para 25%<sup>3</sup>. O principal motivo seria o comprometimento da renda, com alguns alunos também argumentando não se adaptar ao ensino remoto. O nosso curso, naquele semestre, apresentou pouco trancamento ou evasão, mas 35% (25) dos estudantes que participaram da pesquisa disseram ter enfrentado dificuldades financeiras para continuar pagando as mensalidades.

Entre os alunos que tiveram dificuldades financeiras, nenhum chegou a trancar a matrícula. Como solução, podendo marcar mais de uma alternativa, 18 foram beneficiados pela política de descontos adotada pela instituição de ensino; 13 contaram com ajuda de familiares e amigos; 3 reduziram o número de disciplinas cursadas; e apenas 1 disse ter ficado inadimplente.

Dos 71 respondentes, 20 disseram que, no momento da adoção do ensino remoto, não tinham condições satisfatórias para acompanhar as aulas, no que se refere a equipamentos e acesso à internet, e precisaram se adaptar.

### 2.2 ACOMPANHAMENTO DO ENSINO REMOTO

A maioria dos alunos (49) assistiu as aulas pelo computador e os demais (22) pelo celular. Entre as principais dificuldades que enfrentaram para acompanhamento das disciplinas no formato remoto, podendo assinalar mais de uma resposta, o maior número de afirmações (42) foi em relação à qualidade da conexão com a internet; depois foi a interação com os colegas (22); a interação com o professor (21); e a interação com as instâncias administrativas da instituição (18). Também foram assinalados a disponibilidade de equipamentos (12); o acesso à biblioteca e conteúdos de estudo (10); e a interação com a coordenação do curso (8). Entre os participantes, 11 consideraram não ter tido dificuldades para acompanhar o ensino remoto.

Durante as aulas remotas ministradas em 2020/1, ao vivo, 20 respondentes não costumavam interagir e os demais (51), sim. A forma preferida de interação nas aulas (47) era o chat, outros 12 disseram utilizar todas as formas disponíveis, 7 indicaram somente áudio e 5 preferiram não participar.

Entre as razões para que os estudantes não utilizassem o áudio e o vídeo nas aulas, os principais fatores (podendo assinalar mais de uma alternativa) foram:

- Timidez para exposição das falas e das ideias (43);
- Aparência pessoal, como roupa e cabelo (42);
- Não querer interromper a aula ou a fala do professor (31);
- Qualidade da conexão à internet (26);
- E a aparência do espaço físico (11).

<sup>3</sup> Bom Dia DF, 24 set. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8881794/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

A maioria dos respondentes (48) preferia assistir as aulas ao vivo, enquanto os demais (23) optavam pelas gravações. Importante considerar que flexibilizamos o controle de frequências, como explicado.

Sobre a plataforma tecnológica utilizada pela instituição, 44 disseram que ela atendeu às necessidades de ensino plenamente; na opinião de 26 ela atendeu parcialmente; e para apenas 1 não atendeu.

As aulas presenciais nesta instituição duram 2h45, sem considerar o intervalo. Com a mudança, pontos foram levantados sobre o tempo de duração das aulas remotas, as dificuldades e até mesmo o cansaço imposto pela mediação tecnológica. Na opinião dos participantes, a duração mais produtiva e confortável para as aulas remotas é de 1h a 2h (48 respostas), seguida de até 1h (22) e apenas 1 considerou um período de 2h a 3h.

Das metodologias utilizadas pelos professores no ensino remoto, na opinião dos participantes, as que funcionaram bem, com resultados de aprendizagem (podendo marcar mais de uma alternativa), foram:

- Apresentação expositiva ao vivo, aulas (48);
- Exercícios práticos (45);
- Interação individual ao vivo, como orientação de pautas ou de TCC (44);
- Exercícios teóricos (39);
- Provas online (37);
- Comunicação escrita com o professor (35);
- Apresentação de trabalhos pelos estudantes (30);
- Feedback das atividades por áudio (26);
- Apresentação expositiva gravada, vídeos (23);
- Fóruns de discussão (20).

Mesmo com condições tecnológicas disponíveis, 31 alunos disseram que não se sentiam emocionalmente aptos a continuar com o ensino remoto durante a pandemia. O núcleo de psicologia da instituição promoveu encontros virtuais e ampliou o atendimento, justamente preocupado com isso. Mas este foi um cenário que professores tiveram que lidar no contato direto, mantendo a sensibilidade, sem esquecer que eles próprios estavam também vivendo o impacto do isolamento, da reorganização familiar, das mudanças de ambiente e de demandas de trabalho.

Ao final da experiência com o semestre letivo 2020/1, a percepção de 40 respondentes é de ter aprendido, enquanto 31 sentiram que ficaram prejudicados com o aprendizado, de alguma forma. É um percentual significativo e precisamos nos debruçar sobre as possíveis perdas, formas de recuperação, dentro das limitações ainda impostas. Perguntados se, após o fim da pandemia, eles concordariam em continuar com o ensino remoto no curso, 54 estudantes disseram que não e 17 que sim.

### 2.3 ESPECIFICAMENTE SOBRE AS DISCIPLINAS LABORATORIAIS

As disciplinas mais práticas, com caráter laboratorial, exigiram maior adaptação. Especificamente no caso dos alunos que cursaram disciplinas laboratoriais em 2020/1 (radiojornalismo, audiovisual, revista, jornal laboratório I e II), a opinião para a maioria

(38 de 51 respostas) foi de que funcionou, apesar das limitações; enquanto para o restante (13 de 51 respostas), não funcionou, pois os produtos não ficaram satisfatórios.

De acordo com as respostas, as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes nas disciplinas laboratoriais ministradas de modo remoto e diante do isolamento social foram (podendo marcar mais de uma alternativa):

- Interação com as fontes (34);
- Captura e produção de imagens (30);
- Captura e produção de som (26);
- Recursos de edição (22);
- Falta de acesso a equipamentos (21);
- Interação com colegas de grupo (20);
- Interação com o professor (14);
- E publicação e/ou distribuição do material (6);

A disciplina que teve maior desistência foi Jornal Laboratório I, pois alguns alunos sentiram dificuldade de conduzir as atividades a distância ou tiveram receio de ficarem prejudicados na prática jornalística, considerando todas as limitações impostas pelo isolamento social. A disciplina é ofertada no quinto período e tem produção de notícias semanalmente, com os alunos alternando editorias. Momentos como as reuniões de pauta ou de acompanhamento do professor, simulando o ambiente de uma redação, ficaram prejudicados pela condição remota. Contudo, a principal dificuldade foi mesmo no contato com as fontes.

Já em Jornal Laboratório II, disciplina ofertada no sétimo semestre e com propósito multimídia, a condução foi mais tranquila, ainda que adaptações tenham sido feitas. Os alunos se mostravam mais experientes e autônomos, alguns vivendo a produção de maneira remota em seus estágios. Flexibilizamos a produção das diferentes linguagens, principalmente no que diz respeito a produção de fotos e imagens autorais. Fizemos como as redações profissionais: orientação de como as fontes deveriam enviar vídeos ou fotos, condução de entrevistas mediadas por aplicativos, ou mesmo optamos por bancos de imagens, em alguns casos. Não foi exatamente fácil, pois essa direção de fotografia a distância exigia maturidade dos alunos e também a colaboração dos entrevistados, mas avaliamos como positiva a experiência.

Como destaque, a utilização de áudio nas reportagens, como entrevistas ou podcasts, teve uma boa qualidade tanto de captura como de edição. Também oferecemos aos estudantes a possibilidade de experimentar o formato de *live*, para a condução de entrevistas ao vivo, com o desafio da divulgação e da interação como os internautas.

## 2.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ENSINO REMOTO, NA OPINIÃO DOS ESTUDANTES

Ao final do questionário, os estudantes foram convidados a fazer comentários sobre o que consideravam ser vantagens e desvantagens do ensino remoto. De uma



maneira geral, eles parecem ter compreendido a excepcionalidade e valorizaram o fato de não ter perdido o semestre letivo.

Entre as principais vantagens apontadas está a economia de tempo com o deslocamento para a faculdade e a segurança de poder ficar em casa, em plena pandemia. Em alguns casos, destacaram a possibilidade de ter as aulas gravadas, o que não aconteceria no ensino presencial: "Gosto de ter as aulas gravadas como forma de revisão na ausência da interação da sala de aula." Outro comentário: "Com as aulas gravadas, tive mais oportunidades para estudar e consegui entender mais as disciplinas." Um dos participantes sintetizou da seguinte forma:

O curso de Jornalismo se adaptou muito bem ao ensino remoto, dado o cenário em que nos encontrávamos. Como a pandemia foi novidade e não houve nenhuma preparação prévia, avalio como extremamente positiva a agilidade do curso, coordenação e professores às adaptações necessárias. A duração das aulas de até 1h30, sem obrigatoriedade de chamada ao vivo, com possibilidade de assistir as gravações em qualquer horário foram atitudes louváveis que tornaram o semestre proveitoso, mesmo em meio ao caos. Apesar de todas as dificuldades de adaptação, houve apoio do curso para com os alunos e sinto que aprendemos de forma satisfatória.

No geral, a principal desvantagem apresentada nos comentários abertos, em relação ao ensino remoto e à experiência no semestre 2020/1, foi a perda de contato com professores, colegas e fontes, no caso de reportagens, com debates que se tornaram mais "fracos e pouco interativos". Como um dos participantes coloca: "A frieza da tecnologia, quando não impossibilita, desencoraja a participação e troca de ideias. Os conteúdos ficam mais distantes sem a interação e a vivência da faculdade." De fato, sobretudo nas disciplinas teóricas e de caráter mais reflexivo, os debates ficaram comprometidos. Professores relatam ter tido de falar muito mais, pois, como vimos, as interações dos alunos, quando ocorrem, estão concentradas no chat.

Por fim, destacamos a importância de alguns estudantes reconhecerem o esforço empreendido, especialmente por parte dos professores:

De qualquer maneira, quero deixar explícito o meu agradecimento aos professores que estão se esforçando para preparar o melhor material para os alunos. Nós como alunos, vemos toda a dedicação dos docentes para que não sejamos prejudicados...Isso tem ajudado muito! E em especial também precisa ser destacado a qualidade [...] (da) instituição que com sua equipe sempre estiveram dispostos a prestar todo o auxílio financeiro, psicológico e de equipamento aos alunos. Tudo tem feito a diferença para que possamos seguir em momentos difíceis como este que passamos.

Houve ainda quem se preocupasse com o reconhecimento que os profissionais receberiam: "No período em que estamos com aulas remotas vi um empenho enorme dos professores. Me preocupa a possibilidade de que eles não sejam reconhecidos adequadamente por essa entrega e sobrecarga."

### 3 ENSINO COM MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA E O CONTEXTO DA PANDE- MIA

Quando as aulas foram suspensas no DF, no dia 12 de março de 2020, o semestre letivo tinha recém iniciado: na nossa instituição, foi no dia 10 de fevereiro para veteranos e no dia 17 para calouros. A decisão pela retomada imediata na modalidade remota seguiu o mesmo caminho adotado por outras instituições privadas de ensino superior do país.

As instituições privadas, como os grupos Kroton, Estácio e Unip, bem como Universidades tradicionais, representadas pelas Pontifícias Universidades Católicas de todo o país, definiram retorno às aulas mediado por tecnologias desde o mês de março. A maioria das instituições investigadas buscaram implementar educação remota, de maneira a diferenciar-se da modalidade EaD. Neste formato, as aulas são transmitidas em tempo instantâneo por sistemas de webconferências, as chamadas lives, que permitem que professores e alunos tenham condições de realizar interações e organizarem seus tempos de aprendizagem da forma mais próxima à educação presencial. (ARRUDA, 2020, p. 62)

No nosso caso, as aulas e atividades das disciplinas se concentraram no *Blackboard*, mas uma série de eventos ao longo do semestre, sobretudo os abertos à comunidade, foram transmitidos por meio das redes sociais, como *lives* pelo *Instagram* ou *Youtube*.

Suspender totalmente as aulas não foi algo cogitado. No caso das instituições privadas, havia uma preocupação central acerca da manutenção dos contratos e o risco de evasão, trancamentos ou inadimplência. Além disso, estas instituições contam, em geral, com melhor suporte de tecnologia e infraestrutura, além do próprio perfil do aluno.

No ensino superior é possível perceber menos resistências à implementação de tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo por atenderem pessoas adultas, que não se encontram em processo de formação inicial que envolve o contato físico, a movimentação do corpo e a socialização nos seus mais diferentes níveis. (ARRUDA, 2020, p. 266)

Há de se considerar ainda que este seria um público com maior acesso à internet. De acordo com IBGE/PNAD 2018 (apud ARRUDA, 2020), no ensino superior teríamos menos de 2% dos estudantes sem acesso a equipamentos e internet. A nossa instituição está localizada na região central de Brasília, cidade com maior renda per



capta do país<sup>4</sup> e a região com a população mais conectada<sup>5</sup>: de acordo com o IBGE, 93% das pessoas que moram aqui têm acesso à internet. Ainda assim, 20% dos alunos disseram que precisaram se adaptar para o ensino remoto, pois não tinham condições satisfatórias no que diz respeito a equipamentos e acesso à internet. Entre as dificuldades encontradas, a qualidade da conexão foi a mais apontada.

É importante observar que as estratégias adotadas tiveram caráter de excepcionalidade. Apesar do uso corriqueiro, às vezes como sinônimos, das expressões “ensino remoto”, “educação online” e “educação a distância” (EaD), é necessário manter o discernimento.

“A nosso ver, o conceito de EaD é bem mais simples: professores e alunos que estão mediando seu conhecimento por meio de interação síncrona e/ou assíncrona em espaços e tempos distintos, com ou sem uso de artefatos digitais” (JOYCE; MOREIRA, ROCHA, 2020, p. 7). Se considerarmos, então, a separação física entre professores e alunos, a experiência assumida durante a pandemia tem características de educação a distância. Contudo, esse tipo de ensino remoto se assemelha à EaD apenas pela mediação tecnológica.

A EaD envolve planejamento anterior, consideração sobre perfil de aluno e docente, desenvolvimento a médio e longo prazo de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD, envolve a participação de diferentes profissionais para o desenvolvimento de produtos que tenham, além da qualidade pedagógica, qualidade estética que é elaborada por profissionais que apoiam o professor na edição de materiais diversos, conforme afirmam Maia e Mattar (2008). (ARRUDA, 2020, p. 265)

97

Hodges *et al* (2020) preferem adotar o termo “educação remota em caráter emergencial” ao invés de EaD. Isso porque se trata de uma adaptação de aulas presenciais para o formato online, de forma provisória, devendo os cursos retornarem ao mesmo modelo quando passar a crise.

Esse ensino remoto emergencial tem uma diferença fundamental, que é a improvisação imposta aos professores, com um movimento de invasão das redes sociais e de associação de diferentes plataformas. “Professores, alunos e seus responsáveis, criando em tempo recorde táticas de sobrevivência a uma demanda de ensino, muitas vezes massivo e unidirecional, o chamado ensino remoto” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 219). As metodologias próprias e com qualidade para o ensino a distância não estão sendo consideradas neste momento. Os autores ainda alertam para o uso de plataformas como *Zoom*, *Google Meet* e redes sociais, mais acessíveis, em detrimento de *softwares* livres. “Precisamos refletir sobre questões como: quando os serviços dessas empresas são gratuitos, nós (nossos dados) somos o produto e muitos desdobramentos podem ocorrer” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 219).

<sup>4</sup> Poder 360, 21 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-faz-59-anos-com-forte-desigualdade-e-dependencia-da-maquina-publica/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

<sup>5</sup> G1, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/29/populacao-do-df-e-a-mais-conectada-a-internet-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Na nossa experiência, além do uso esporádico de redes sociais, priorizamos a plataforma paga pela instituição, o *Blackboard*, ainda assim levantamos preocupações sobre direitos de imagem e de produção intelectual (aulas, materiais e atividades), além do próprio preparo docente para essa mudança metodológica em tão pouco tempo.

Ao analisarem este ensino em caráter emergencial, Hodges *et al* (2020) afirmam que a educação online eficaz requer um investimento em um ecossistema de suporte ao aluno, que leva tempo para ser identificado e construído. Uma entrega simples de conteúdo online pode ser rápida e barata, mas a aprendizagem é mais do que a transmissão. Os autores destacam que o sucesso do ensino remoto depende do que se espera por “sucesso”. Os alunos alcançam o conhecimento pretendido, habilidades e/ou atitudes que foram o foco da experiência instrucional? Seria isso em condições tidas por normais. Para os alunos, contudo, questões como interesse, motivação e envolvimento estão diretamente ligados ao seu sucesso. Na opinião dos autores, a avaliação neste caso deve ser mais focada nos elementos de contexto do que o produto em si (aprendizagem).

Durante o processo, entre a equipe de professores, levantamos questionamentos sobre os sistemas de avaliação. Não apenas na questão da adaptação da atividade, sobretudo nas disciplinas laboratoriais. Como manter parâmetros de nota e menção? A questão de frequência foi outro ponto central, sobre cobrar a participação nos encontros ao vivo. Optamos pela autonomia dos professores, para decidirem de acordo com a especificidade de cada disciplina, e pela flexibilização pautada pela sensibilidade, em virtude do que todos nós estávamos vivendo.

Texto publicado no blog do *Knight Center* (JOYCE; LUBIANCO, 2020), no início da pandemia, destaca como escolas de Jornalismo vinham se adaptando na América Latina. Os principais desafios apontados foram o acesso à tecnologia e o preparo dos docentes para mudar suas aulas. Pelos professores ouvidos na reportagem, de diferentes nacionalidades, o caminho mais comum foi o de se aprender como fazer na prática.

Alguns professores destacam dificuldades maiores enfrentadas por disciplinas práticas, como radiojornalismo e telejornalismo, e os prejuízos de não se ter à disposição os estúdios e os recursos de edição que teriam nas aulas presenciais. Destaca-se a fala da professora Lúcia Santa Cruz, da ESPM do Rio de Janeiro, ouvida pela reportagem: “Perdemos em qualidade, mas ganhamos em resiliência e capacidade de improvisar. Esse é um argumento que eu uso para motivá-los (alunos)”. Isso nos pautou um pouco por aqui também: aproveitar o aprendizado que somente a situação de crise nos permite.

A professora ressalta algo que também vivenciamos: sempre ensinamos aos estudantes a importância de se ir à campo no jornalismo, nos processos de apuração, e pela primeira vez tivemos que mudar o discurso, incentivando (e mostrando que era possível) as coberturas sem sair de casa, privilegiando a mediação tecnológica. “Todas as redações estão trabalhando assim (remotamente). É possível fazer isso em casa. Isso nos dá uma dinâmica e uma experiência que permitem aos estudantes fazer jornalismo em condições adversas e de alta qualidade” (JOYCE; LUBIANCO, 2020, s/p).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do primeiro semestre letivo na modalidade de ensino remoto emergencial, identificamos algum saldo positivo. O principal, possivelmente, foi o de não perder o semestre letivo, sobretudo considerando as condições da educação privada e a importância de manter a viabilidade financeira. Também foi possível aproveitar as experiências trazidas pela pandemia e tirar aprendizado disso. Por exemplo, dos alunos que participaram de disciplinas laboratoriais, com maior demanda de adaptação, 74% avaliou que os produtos ficaram satisfatórios, apesar das limitações.

Um aspecto que foi particularmente interessante foi a participação dos alunos em eventos e atividades complementares. Ao final do semestre, realizamos uma Semana de Comunicação, com convidados externos, participando de encontros virtuais no período da manhã e da noite, e notamos uma presença mais efetiva dos estudantes do que em alguns dos eventos presenciais anteriores. Para a sala de aula, os professores também tiveram mais oportunidade de levar convidados, às vezes até de fora de Brasília, para trocas de experiências. As salas virtuais funcionaram bem para isso.

Precisaremos de mais tempo para avaliar se os alunos sairão mais críticos e amadurecidos desse processo, como estimou alguns dos professores ouvidos pela reportagem do *Knight Center*. Afinal, vivemos uma pandemia única no último século e tivemos que aprender com isso. Ao fim do primeiro semestre, 56% dos nossos estudantes percebem que aprenderam, mas não sabemos ainda se haverá recuperação para as perdas no aprendizado que os demais afirmam ter sentido.

Sentimos sim, de uma maneira geral, que todos – alunos e professores – acumulam um cansaço não somente emocional, mas também em relação a tudo que o digital tem exigido. Iniciar o segundo semestre ainda no modelo remoto e retomar desta forma ainda em 2021, deixou tudo em suspenso. Parecer nº 19, do Conselho Nacional de Educação (CNE), estendeu até 31 de dezembro de 2021 a permissão para atividades remotas no ensino básico e superior em todo o país.

Para encerrar, uma preocupação que deriva dessa experiência do ensino remoto adotado em caráter emergencial: levar a uma naturalização da EaD. Em 2018, a Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior (ABMES)<sup>6</sup> já estimava que em 2023 o número de ingressantes por meio da EaD nas universidades particulares será maior que o daqueles que entram para cursos presenciais. Contudo, com a pandemia, a previsão é de que isso se antecipe para 2022, em virtude da redução de emprego e renda da população<sup>7</sup>. Ou seja, é a EaD como uma opção de economia.

Mesmo antes da pandemia, o “ensino híbrido” vinha sendo apontado como um dos caminhos para o ensino superior, este entendido por cursos semipresenciais, com

<sup>6</sup> ABMES, 22 mai. 2018. Disponível em: <<https://abmes.org.br/noticias/detalhe/2789/em-2023-instituicoes-privadas-terao-mais-alunos-no-ensino-a-distancia-que-no-presencial>>. Acesso em: 23 set. 2020.

<sup>7</sup> ABMES, 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3811/desemprego-acelera-projecao-para-crescimento-do-ead-no-ensino-superior>>. Acesso em: 23 set. 2020.

dinâmicas em sala de aula convencional, intercaladas por encontros, atividades e conteúdos compartilhados online. Profissionais e “futuristas”<sup>8</sup> já estão prevendo que esta deverá ser a principal tendência para a educação no pós-pandemia.

É preciso lembrar que em dezembro de 2019 o Ministério da Educação publicou portaria<sup>9</sup> que autoriza que cursos presenciais ministrem até 40% da sua carga horária na modalidade EaD. A questão, como vimos, é que educação a distância é mais do que ligar uma câmera ou fazer uma *live*, requer trabalho de equipes multidisciplinares e uma construção que leva tempo. Não pode, ao contrário, se tornar estratégia para barateamento do ensino e precarização das condições de trabalho, como vem denunciando reportagens recentes da Agência Pública<sup>10</sup>.

Em relação à nossa experiência, detalhamos como se deu o processo de adaptação ao ensino remoto emergencial, pela percepção dos próprios estudantes e por meio do relato docente. Numa análise pessoal da didática assumida, diante da prática que acumulamos ao longo do primeiro ano de pandemia, destaco alguns pontos específicos ao ensino do Jornalismo.

Desde o início, houve a percepção de que as disciplinas consideradas teóricas seriam de mais fácil adaptação à modalidade remota, mas hoje considero um equívoco. Por um lado, parece simples transpor textos e aulas expositivas para a sala de aula virtual, entretanto, há uma perda significativa em relação aos debates e à interação dos estudantes. Por outro lado, a disciplina laboratorial, de produção prática, surpreendeu com qualidade. Tivemos que superar o receio do “jornalismo sentado” (PEREIRA, 2004), que sempre tentamos combater, e passamos a incentivar os alunos a formas de apuração e edição mediadas pelas tecnologias. Creio que este será um dos aspectos a serem incorporados no pós pandemia, não apenas em sala de aula, como também pelas redações do país.

100

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 19 set. 2020.

---

<sup>8</sup> Consumidor Moderno, 3 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.consumidormoderno.com.br/2020/08/03/o-ensino-hibrido-e-o-futuro-da-educacao-pos-pandemia/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

<sup>9</sup> Portaria N° 2.117, de 6 dez. 2019. DOU, 11 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913#:~:text=cursos%20de%20Medicina.-,Art.,carga%20hor%C3%A1ria%20total%20do%20curso.&text=47%20da%20Lei%20n%C2%BA%209.394,em%20cada%20curso%20de%20gratua%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 24 set. 2020.

<sup>10</sup> Agência Pública, 22 set. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/09/e-cruel-professores-relatam-de-aulas-on-line-com-300-alunos-a-demissoes-por-pop-up/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

HOGDES, Charles et al. *The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning*. **Educause Review**, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>>. Acesso em: 18 set. 2020.

JOYCE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, SP, v. 9, n. 7, pp. 1-29, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299/3757>>. Acesso em: 19 set. 2020.

JOYCE, V. H.; LUBIANCO, J. Pandemia de COVID-19 força professores de jornalismo da América Latina a adaptar currículo e recursos para ensinar online. **LatAm Journalism Review**, Knight Center for Journalism in the Americas, Universidade do Texas, 13 mai. 2020. Disponível em: <<https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/pandemia-de-covid-19-forca-professores-de-jornalismo-da-america-latina-a-adaptar-curriculo-e-recursos-para-ensinar-online/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Redoc**, Rio de Janeiro, v. 4, n.2, pp. 215-224, Maio/Ago 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026/34672>>. Acesso em: 19 set. 2020.

PEREIRA, F. H. O "Jornalista Sentado" e a Produção da Notícia on-line no CorreioWeb. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2004. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12503/1/ARTIGO\\_JornalistaSentadoProducao.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12503/1/ARTIGO_JornalistaSentadoProducao.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2020.